

### III Jornadas da Sociedade Portuguesa de Retórica

Retórica e Filosofia

Resumos / Abstracts

#### Oradores convidados

##### **António Caeiro (UN Lisboa)**

##### **Pathê como operadores hermenêuticos em acção (Arist. Rhet. B, II 2-11, EN, B, 4)**

[acaeiro@mac.com]

A análise dos pathê (Afectos, emoções, paixões) verifica-se em dois momentos cruciais do corpus aristotelicum, na Ética a Nicómaco e na Retórica. Na Ética os pathê são fenómenos da psychê semelhantes às diatheseis e existem a par das dynamis e das hexeis. A aretê é definida como condição permanente do carácter a partir de, e terminando em, afecções. Na Retórica, os pathê fazem parte constitutiva da compreensão da nossa situação. Não são excluídos da theôria, não estão restritos à praxis. Correspondem ao modo como cada um se sente relativamente a si, aos outros, ao passado, ao presente e ao futuro, de acordo com as situações em que nos encontramos. Há um envolvimento "perceptivo" e "endoxal" com cada pathos de tal sorte que toda a situação crítica, requerendo um juízo, é afectada por emoções. As emoções não são "cegas" nem "vazias" de conteúdo mas permitem compreender em si, de uma forma alargada, a nossa peculiar forma de acesso. Mais do que procurar perceber de que modo os juízos (kriseis) são afectados por emoções, importa perceber que qualquer emoção é tendenciosa e nenhum juízo está depurado emocionalmente.

##### **Antonio Stramaglia (U. Bari)**

##### ***Nostris comedimus, nostros.***

##### **La tradizione retorico-filosofica sul cannibalismo e la declamazione antica**

[antonio.stramaglia@uniba.it]

Il contributo ripercorre il vivace dibattito – filosofico e retorico, ma anche storiografico – sul cannibalismo nel mondo greco-romano, e la topica che ne scaturì. Gli elementi di tale topica vengono poi analizzati 'dal vivo' nei due principali sviluppi retorici superstiti della tematica: rispettivamente [Quintiliano], *Declamazioni maggiori*, 12 e Libanio, *Declamazioni*, 13.

##### **Jean-Claude Gens (U. Bourgogne - Dijon)**

##### **La réévaluation gadamérienne de la rhétorique**

[gens.jc@club-internet.fr]

Si Gadamer invite à penser l'herméneutique comme l'héritière de la rhétorique, la réévaluation gadamérienne de cette rhétorique se déploie dans trois champs différents. Elle s'inscrit d'abord dans le cadre d'une critique de la conception méthodologique positiviste de la connaissance en mettant en valeur le caractère événementiel de l'expérience de la compréhension, c'est-à-dire de l'expérience de la vérité (par exemple d'une œuvre d'art) ; Gadamer réhabilite dans ce cadre les notions de persuasion et de vraisemblance. Le second et le troisième champ concernent la question de l'évolution des langues, c'est-à-dire leur métaphoricité et la dimension essentiellement politique de la rhétorique.

##### **José Luis Villacañas Berlanga (U. Complutense - Madrid)**

##### **Retórica y Populismo**

[josluisvillacaasberlanga@gmail.com]

A minha comunicação pretende mostrar as diferenças entre a concepção da retórica apresentada por Hans Blumenberg, no seu texto "Uma abordagem antropológica da necessidade atual de

retórica", e a compreensão da retórica que Ernesto Laclau defendeu nos seus ensaios "A construção retórica da sociedade". A partir dessas diferenças teóricas deriva toda uma série de consequências para a teoria política, o que nos permite entender que, no fundo, Blumenberg é um teórico da democracia, algo que não pode ser dito no mesmo sentido da teoria populista de Laclau.

**Maria Teresa Schiappa (U. Coimbra)**

**A retórica nacionalista do *Menéxeno* de Platão**

[mteschia@gmail.com]

Oriunda de Mileto, Aspásia ocupa, no universo feminino do século V ateniense, um lugar ímpar e controverso, que a ligação a Péricles veio pôr em evidência. No *Menéxeno* Platão faz jus aos seus dotes políticos e oratórios, que o Sócrates histórico parece ter admirado, num fictício elogio aos soldados mortos em combate na guerra de Corinto (387/6). Sendo em parte contraponto satírico da retórica do tempo, e em particular da linguagem oficial de Atenas (com ponto de partida no discurso de Péricles em Thuc. 2. 34-46), o elogio constitui também uma homenagem à companheira do Estadista, pressupondo o reconhecimento da capacidade interventiva das mulheres na Cidade, que a doutrina da *República* consagra – obra, aliás, presente no *Menéxeno* em várias conceitos e “tiques” de linguagem.

Da análise do discurso ressalta a adoção plena, pela meteca Aspásia, de motivos caros à identidade ateniense: os seus mitos, remotos ou expressamente elaborados após as Guerras Medo-Persas, como o da autoctonia; o elogio da sua constituição (*politeia*), remontável aos deuses da Cidade, que justifica a excelência de Atenas e do seu viver quotidiano; a evocação dos feitos dos antepassados em defesa da Cidade e de toda a Grécia, com destaque para as Guerras Medo-Persas. A par disso, o branqueamento de eventos próximos, que deterioraram ou mancharam a vida política ateniense, como a Paz de Antálcidas em 387 a.C.

Independentemente das interpretações burlescas que o discurso sugere (a começar no óbvio anacronismo que traz Sócrates à vida quase vinte anos depois da sua morte ...) O *Menéxeno* projecta assim em Aspásia uma imagem “fundadora” da retórica oficial ateniense, que se prolonga em Atenas pelo menos até à época de Cícero, e que molda também a linguagem filosófica de Platão, a par de outras personagens femininas, como Diotima (*Banquete*) ou Fenarete (*Teeteto*). Com a recriação platónica de Aspásia convergem as imagens contraditórias de comediógrafos e de outros socráticos (particularmente Xenofonte e Ésquines). No conjunto, a associação intuitiva de *eros* e retórica, que lhes é comum, passa na Idade Média a Heloísa (*Cartas a Abelardo*) e inspira, a partir do Renascimento, um conjunto importante de obras literárias e de pintura. Nos finais do séc. XVIII a descoberta em Itália de um busto tumular de Aspásia (provável cópia romana do original) reacende o interesse pela personagem histórica, inclusive na literatura portuguesa (Camilo). Interesse que prossegue no nosso milénio, após descobertas arqueológicas dos anos 80 em túmulos atenienses dos secs. V-IV a.C, cuja onomástica parece comprovar a ligação de Aspásia à família dos Alcmeónidas de Atenas.

**Sophie Conte (U. Reims)**

**La mutation de la rhétorique face à la science et à la philosophie dans le XVII<sup>e</sup> siècle français**

[sophie.conte01@gmail.com]

La vieille querelle entre rhétorique et philosophie, qui animait déjà la pensée de Platon, prend un tour nouveau en France à l'âge classique. Mode de pensée autant que d'expression, la rhétorique règne à la fin de la Renaissance sur le système éducatif, jouant un rôle déterminant dans la formation des élites. Selon le processus de littérisation déjà observé au début de notre ère, en se déplaçant des champs de bataille des guerres de religion vers les salons mondains, la rhétorique privilégie l'élocution, en un XVII<sup>e</sup> siècle tout

occupé par ailleurs à réformer la langue. Dans le même temps, l'avènement d'une nouvelle façon de penser, qui affecte les sciences et la philosophie, remet en cause sa capacité à produire un raisonnement et affaiblit le rôle de l'invention. Galilée, Bacon, puis Descartes discréditent la logique aristotélicienne plus propre à exposer des résultats qu'à en produire, au profit d'une nouvelle démarche scientifique de découverte. Ils font passer la dialectique, en tant que science formelle du raisonnement, pour une partie de la rhétorique, ce qui les affaiblit toutes les deux. L'oratorien Malebranche refuse la pensée analogique de la Renaissance qui, associant les mots et les choses, raisonne en symboles et en images. Le rationalisme cartésien fait de l'auteur son propre garant, ce qui remet en question la rhétorique des citations, pratique propre à l'humanisme philologique. Dans la société, la figure respectée de l'érudit humaniste fait ainsi place à l'idéal de l'honnête homme cultivé qui n'exhibe pas son savoir. Cette mutation profonde de la rhétorique, progressivement privée d'une partie d'elle-même, annonce sa marginalisation, dans le contexte de la réorganisation des savoirs, qui distingue, au siècle suivant, les sciences humaines et la littérature proprement dite.

### Comunicações

**Adriano Milho Cordeiro (CECH-UC)**

**A recepção da tratadística clássica em D. António de Ataíde**

[adrianomilhocordeiro@gmail.com]

D. António de Ataíde vivenciou os impactos da existência com índole apaixonada e os limiares de novas concepções artísticas e literárias como homem de letras singular, insigne capitão-general do ponto de vista da estratégia militar, almirante versado, político polifacetado nas suas práticas, analisando sempre os

acontecimentos e antecipando-se a impedimentos que certamente muitas das vezes teve de contornar.

Na obra manuscrita que nos legou, Borrador de huma arte poetica que se intenta/ua escrever, D. António de Ataíde concede primazia à teorização de Aristóteles e Horácio, tudo isso temperado com ideias colhidas nas normas e teorizadores dos preceptistas da Renascença, cujas obras mostra conhecer muito bem. O seu gosto foi formado na leitura de poetas e prosadores dessa escola literária. Conhecia quase tudo o que antes dele havia sido escrito sobre Poética. Deve ter sido um leitor insaciável, pois, a sua teorização literária espelha bem a sua vastíssima erudição literária.

Lembrar as suas ideias sobre poética e os seus actos, volvidos que são 360 anos após a sua morte, é o mínimo que podemos fazer em relação a essa figura do nosso passado quinhentista e seiscentista.

**Ana Isabel Correia Martins (CECH-UC)**

**O Discurso inaugural do Real Colégio dos Nobres (1766): a performance retórica de uma filosofia política**

[anitaamicitia@hotmail.com]

Conforme se lê no preâmbulo da lei de 7 de Março de 1761, a criação do Colégio dos Nobres consistia no restabelecimento do Antigo Colégio das Artes, tal como o idealizara *in illo tempore* D. João III, com a diferença desta instituição estar agora direccionada, exclusivamente, para o ensino dos nobres. Esta Carta de Lei aprovava os estatutos do Real Colégio dos Nobres, destinando-lhe as instalações do extinto colégio e noviciado jesuíta da Cotovia, em Lisboa. O Real Colégio dos Nobres gizava a preparação de jovens oriundos das famílias da alta aristocracia, que já soubessem ler e que tivessem idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos, à data de ingresso. Fomentava-se além da tradicional formação nas humanidades clássicas, uma sólida formação científica e literária que lhes permitisse o acesso à Universidade de Coimbra e um desempenho proficiente e competente dos cargos e responsabilidades que pendiam sobre esta classe.

No dia da abertura oficial, a 14 de Abril de 1766, estiveram presentes o rei D. José com toda Família Real, bem como o Cardeal Patriarca D. Francisco de Saldanha, os Ministros e Conselheiros de Estado, os Ministros Estrangeiros e Miguel António Ciera, na condição de Perfeito dos Estudos, tendo proferido o discurso inaugural em Latim. Esta Colégio, criado para 100 alunos, à data da inauguração contava apenas com 20 inscritos e 24 presentes na cerimónia. A abolição oficial do ensino científico no Colégio dos Nobres haveria de constar na Carta de Lei de 10 de Novembro de 1772. Podem ser apontadas várias hipóteses como justificação da curta vitalidade da instituição mas certo é que o país não precisava duma academia de nobres com esta estrutura mas antes dum liceu privilegiado e foi nisso que se transformou, a partir de então.

No entanto, o Discurso inaugural de Ciera é merecedor da nossa atenção: apresenta uma primeira parte laudatória, dirigida a Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, então conselheiro e ministro da administração régia, seguindo-se uma *oratio*, disposta em doze partes, ao longo da qual se vão desenvolvendo considerações várias sob o pórtico da relevância e pertinência das Letras e das Humanidades. A estrutura retórico-argumentativa respeita as *partes orationis* - *dedicatio*, *exordium*, *narratio*, *contentio*, *peroratio* - cerzidas com rigor estético e estilístico, exibindo marcas ciceronianas de uma *latinitas* clara e elevada. O presente trabalho pretende apresentar uma (primeira) tradução do discurso, analisando a sua *dispositio*, a par do reconhecimento dos temas desenvolvidos, das preocupações manifestadas, das directrizes e reflexões de filosofia política.

#### **Ana Paixão (Maison du Portugal – U. Paris)**

***Ethos* e *affectus*: hermenêutica e efeitos comparativos dos discursos musical e retórico nos séculos XVI e XVII.**

[anampaixao@yahoo.com]

Formulado por Aristóteles e preconizado pela pedagogia platónica, o *ethos* musical foi amplamente debatido ao longo dos séculos XVI e

XVII. Os teóricos musicais elaboraram complexas análises comparativas dos efeitos dos modos compositionais utilizados nesse período, em contraponto com os efeitos dos modos musicais descritos pela tratadística clássica. Um bom exemplo desse género de estudo surge em 1654 com *Difesa della Musica Moderna contro la falsa opinione del Vescovo Cirillo Franco* do rei D. João IV, argumentando de que forma seria possível obter os efeitos da música da Antiguidade clássica, através da composição, mas também através da retórica. A problemática visava duas noções distintas em torno dos efeitos discursivos musicais – as de *ethos* e de *affectus* –, que dialogarão a partir desse momento até à teoria da música contemporânea.

Nesta comunicação, partiremos da conceção do *ethos* musical aristotélico, atentando na noção de música como *numerus* do *quadrivium*, para nos determos na receção da tratadística clássica e nas diferentes perspetivas hermenêuticas em torno dos efeitos da música e da retórica, tal como são descritos e comparados ao longo dos séculos XVI e XVII.

#### **Annabela Rita (U. Lisboa)**

**A crónica queirosiana e a formação da cidadania**

[annabela.rita@gmail.com]

Pretende-se, com esta comunicação, observar o modo como a escrita cronística conjuga diversos processos retóricos visando formar e informar o leitor e constitui-lo como cidadão, quer no plano da consciência crítica, quer no plano da acção cívica.

#### **António Bento (U. Beira Interior)**

**Análítica da Parresia em Michel Foucault**

[abento@ubi.pt]

Esta comunicação pretende apresentar ao público uma panorâmica geral do significado e dos usos da palavra *parresia* (*παρρησία*) na cultura grega e greco-romana, mediante uma análise das implicações deste termo nos âmbitos cruzados da filosofia, da

retórica e da política no mundo antigo. Ela toma apoio maioritariamente em três obras, recentemente publicadas, que recolhem os três últimos anos de ensino do filósofo Michel Foucault no Collège de France, antes da sua morte em 1984: 1) *A hermenêutica do sujeito*, volume que corresponde às aulas dadas no ano lectivo de 1981-1982; 2) *O governo de si e dos outros*, correspondente ao ano lectivo de 1982-1983; 3) *A coragem da verdade*, que transcreve as aulas do ano lectivo 1983-1984. A comunicação centrar-se-á na análise das diferenças entre o que se poderia chamar o modo de dizer retórico e o modo de dizer parresiástico.

**Carlota Urbano**

**Retórica hagiográfica: uma biografia inédita de Soror Joana do Lourçal**

[camirurb@fl.uc.pt]

**Francisco J. Andrés Santos (U. Valladolid)**

**La metáfora como elemento argumentativo en el libro I del *De beneficiis* de Séneca**

[fxandres@gmail.com / [fjandres@der.uva.es](mailto:fjandres@der.uva.es)]

En los últimos años han aparecido numerosos estudios que tratan de dar cuenta del potencial argumentativo que posee el empleo de metáforas en diversos tipos de discurso, sobre todo en el ámbito de lo científico, lo filosófico, lo periodístico y lo ideológico-político. Se trata de analizar el modo en que las expresiones metafóricas pueden contribuir a lograr determinados fines persuasivos en textos originalmente concebidos para la argumentación, así como el papel que puede desempeñar la metáfora como mecanismo de argumentación implícita en los discursos no explícitamente retóricos (v. gr. textos científicos, tratados filosóficos, sentencias judiciales, artículos periodísticos), los cuales, como se ha puesto de manifiesto repetidamente en las últimas décadas, tampoco pueden desligarse de un grado variable de subjetividad enunciativa, retórica o

comunicativa. Se parte de la convicción de que tampoco los textos aparentemente 'informativos' o meramente 'descriptivos' pueden escapar por completo a la articulación más o menos patente de ciertas intenciones persuasivas, valores o líneas ideológicas que condicionan la formulación y la estructuración discursivas. En el límite, puede decirse que todo proceso comunicativo apela –aunque en dosis muy distintas– a la subjetividad del emisor y del receptor del mensaje y que la propia informatividad puede entenderse, en muchos casos, en términos argumentativos y, consiguientemente, persuasivos.

En la presente comunicación nos proponemos llevar a cabo un análisis del valor argumentativo que presentan las metáforas (entendiendo estas en un sentido amplio que incluye también otros tropos y recursos elocutivos que forman parte de lo que se ha dado en llamar la "microestructura del texto retórico", cfr. T. Albaladejo Mayordomo, *Retórica*, Madrid 1991, pp. 117 ss., y cumplen una función semejante a la de las metáforas propiamente dichas, por lo que es preciso hablar también de "estructuras metafóricas") siguiendo de cerca las propuestas de la *Nouvelle Rhétorique* de Perelman, sin perjuicio de tener en consideración otras aportaciones posteriores en el campo de la teoría de argumentación en la medida en que han contribuido a enriquecer dichas propuestas, tomando como base textual para el análisis el primer libro del *De beneficiis* de L. A. Séneca. Se trata, por tanto, de rastrear en esa obra la presencia de tales estructuras retóricas e intentar determinar cuál es su función y su aportación en la economía argumentativa del discurso filosófico (o, en ocasiones, más bien jurídico) que sigue el autor, como primer paso para una investigación más amplia en ese sentido.

**Isabel Fuzeta Gil (U. Coimbra)**

**A Nova Retórica de Perelman e a argumentação no(s) e pelo(s) discurso(s): da Retórica às Ciências da Linguagem**

[itmgil@sapo.pt]

Nesta comunicação pretende dar-se uma visão abrangente dos aspectos mais relevantes na obra de Perelman-Tyteca no âmbito da Retórica. Em particular, destacar-se-á um conjunto de postulados da obra perelmaniana que parecem hodiernamente ganhar relevo nas Ciências da Linguagem.

Com efeito, a adaptação do discurso ao auditório com vista à persuasão, o discurso 'situado' como forma de atingir um dado objectivo, a necessidade de um saber enciclopédico / doxástico partilhado por uma comunidade ou ainda o recurso a valores de ordem axiológica antecipam as dimensões enunciativas presentes na obra de Benveniste ou a integração da Pragmática na interlocução. Dado que o discurso se pauta pela actividade argumentativa (persuasiva), manifestando-se de diversas formas na superfície textual, adquire particular saliência a Nova Retórica.

**Jorge Cendón Conde (U. Santiago de Compostela)**

**La imaginación icónica en la evangelización china: el caso de Mattèo Ricci (1552-1610), estudiante conimbricense**

[gimlineitor@hotmail.com]

La importancia y relevancia del jesuita italiano Mattèo Ricci (1552-1610) en el marco de la historia y casuística de los usos, fórmulas y comprensión modernas de la(s) arte(s) retórica(s), ya sea en el seno de la propedéutica y teorización respecto de la misma en su Compañía como fuera de ella, queda sobradamente respaldado por el hecho de haberse erigido como eslabón, puente de contacto e intercambio, sincretismo y adaptación, entre sus manifestaciones latinas y chinas. Hijo de una privilegiada educación jesuítica, fue receptor de la estricta y heterogénea formación de su Compañía en los colegios que ésta abriera en Macerata, Roma y Florencia, pero

también en Coimbra, cuyas aulas habría frecuentado desde su llegada en el verano de 1577 hasta su partida en marzo de 1578 y donde ampliaría, entre otras, la formación retórica ya iniciada en Italia. Heredero de la educación de las y por imágenes de Ignacio de Loyola, Francisco de Borja o Jerónimo Nadal, nuestro hombre habría llevado los presupuestos de la pedagogía y retórica icónicas de los jesuitas hasta cuotas difícilmente imaginadas por sus predecesores, convirtiéndola en el ariete de su empresa apostólica en tierras chinas, en la punta de lanza de su decodificación retórica de los ídolos orientales y posterior transmutación bautista del Señor do Cielo (*Tianzhu*). Retomando los caminos fluviales de una tan dilatada tradición filosófica de corte iconológico como la china (siendo casos paradigmáticos el *Libro de las Mutaciones*, las *Analectas* de Confucio o, por lo demás, cualquier tratado de alquimia taoísta), Ricci habría sumado con asombroso cuidado y precisión sus conocimientos occidentales a los orientales con los que entraba en contacto, dando resultados tan significativos y brillantes como su *De la amistad* (1596, 1601), su colaboración en el *Jardín de tinta* de Cheng Dayue (1606) y, fundamentalmente, su previo *Tratado de las artes mnemotécnicas* (1596), uno de los principales y más elogiados picos de las técnicas memorísticas y artes retóricas de las imágenes de la Compañía de Jesús.

**José Eduardo Franco (U. Lisboa) – Paula Carreira (U. Lisboa)**

**A retórica da ação em Padre António Vieira**

[eduardo.franco.cidh@gmail.com / eduardo.franco@uab.pt]

A vida do Padre António Vieira é marcada por uma ação intensa e plurifacetada, que se expressa numa intervenção em vários áreas, desde a esfera estritamente religiosa e educativa como professor, pregador e missionário, passando pela esfera política e diplomática, até ao plano familiar em que não coibiu de ter um papel ativo em negócios privada da sua família como a conhecida defesa do seu irmão Ravasco.

A ação eficaz, na linha perfilada e promovida pela espiritualidade inaciana fundada nos *Exercícios Espiritais*, é em Vieira também dita e advogada nos seus sermões que são um constante apelo à coerência ativa entre a fé professada e a vida vivida. Assente num optimismo antropológico consagrado na teologia tridentina que reforça o papel humano, através do reconhecimento do “valor das obras” em equilíbrio com o poder da graça divina, os sermões de Vieira são um autêntico hino à ação do Homem transformador da história. Vieira é um paradigmático inimigo do comodismo, da inércia, da inação e do desinteresse em relação ao bem comum em favor do interesse pessoal. Recorrendo às mais belas formulações estilísticas, Vieira um pregador que pretende mover o seu auditório para o empenho na construção ativa de uma sociedade melhor fundada na mudança de vida que forma o homem novo em sentido cristão. Da sua retórica da ação é emblemática esta passagem do sermão das exéquias do seu padrinho de batismo, o conde de Unhão, «[...] nem todos os anos, que se passam, se vivem: uma coisa é contar os anos, outra vivê-los; uma coisa viver, outra durar. Também os cadáveres debaixo da terra; também os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos, e ninguém dirá que vivem. As nossas ações são os nossos dias: por elas se contam os anos, por eles se mede a vida: enquanto obramos racionalmente, vivemos; o demais tempo duramos».

Nesta palestra, pretendemos analisar a obra parenética de Vieira como um modelo barroco de retórica em favor do espírito de iniciativa, de intervenção no plano individual e coletivo a que subjaz uma filosofia e uma teologia da ação.

**José Henrique Manso (U. Beira Interior)**

**Aires Barbosa e o comentário a Arátor: *argumentatio In maleficum genus piratarum***

[hrmanso@hotmail.com]

Não é conhecida nenhuma controvérsia em torno do *Comentário à “Historia apostolica” de Arátor*, publicado por Aires Barbosa em

Salamanca no ano de 1516, na sequência do curso de Gramática ministrado pelo aveirense três anos antes, e não é provável que a obra estivesse muito divulgada antes de ser editada. Assim, é plausível que a maioria dos visados no comentário sejam os detratores eventuais que Barbosa prevê surgirem por causa do ambiente específico vivido na Universidade de Salamanca, uma instituição marcada pelo conservadorismo, onde estaria vedado a um leigo o estudo de obras religiosas. O humanista terá, pois, defendido o comentário a Arátor, mesmo antes de ser verdadeiramente atacado. E, mais do que uma defesa contra a eventual crítica, as declarações de Barbosa devem ser entendidas como uma forma hábil de *captatio benevolentiae*, criando em volta do comentário um ambiente apelativo, porque polémico, propício à leitura e à divulgação da sua obra. Para enfatizar os perigos enfrentados numa empresa tamanha, o comentário afigura-se ao humanista como uma longa e penosa viagem marítima onde os piratas espreitam por todo o lado: uns afirmam ser Barbosa incapaz e indigno de comentar Arátor por não ser teólogo; outros atiram-se à imensidão da obra; há até quem critique as fontes pagãs a que Barbosa recorre... A todos eles responde o Humanista, em verso epigramático e em prosa, numa retórica argumentativa consistente.

**José Manuel Aroso Linhares (U. Coimbra)**

**Racionalidade judicativo-decisória e *principio da inércia* ou a invenção do *concreto* como dimensão do projecto prático-cultural do Direito**

[linhares@fd.uc.pt]

A intenção da presente comunicação é reflectir sobre o modo inconfundível como uma autêntica racionalidade prática *sujeito/sujeito* é assumida pela prática judicativo-decisória do Direito e pela invenção do *concreto* analogicamente relevante que, em contraponto com o absoluto *singular*, tal prática exige. Se o ponto de partida deste percurso, sem deixar de invocar o contributo decisivo da *doutrina da stasis* (e da sua assimilação pelos *prudentes*

da *civitas* romana), se cumpre mobilizando as mediações privilegiadas de Perelman e de Bubner — conjugando a exigência da «inércia prática» (e o esquema argumentativo que esta autoriza) com a «dialéctica do velho e do novo» que só uma recuperação do vínculo originário entre dialéctica e controvérsia (e assim também entre dialéctica e *Lebenswelt*) vai tornar possível—, o desenvolvimento atenderá sobretudo à especificidade da resposta do Direito (e muito particularmente do chamado *direito dos juristas*, enquanto interpenetração constitutiva das *jurisprudências judicial e doutrinal*) no nosso contexto prático-cultural — um contexto em que a exigência de preservar a inteligibilidade normativo-dogmática do *tertium comparationis* exigido pelo Direito (enquanto *forma de vida*) se confronta com desafios únicos, desencadeados pela pluralidade (se não incomensurabilidade) das práticas-discursos e das *comunidades interpretativas* (mas também por um *pathos* irresistível de transformação).

**Luís Garcia Soto (U. Santiago de Compostela)**

**Barthes sobre a retórica (e a filosofia) de Aristóteles**

[luisg.soto@usc.es]

No seu seminário de 1964-1965, e texto posterior de 1970, sobre *A retórica antiga*, Barthes realiza uma exposição sintética e uma crítica sumária da retórica antiga, nomeada e eminentemente aristotélica. Segundo Barthes, alguns importantes componentes da retórica de Aristóteles perduram e fazem parte da cultura chamada de massas. Nomeadamente, assinala as noções de verossimilhança, público, opinião e o entimema como modelo de uma forma de razoar. Estas e outras presenças convertem a retórica aristotélica, segundo Barthes, num instrumento valioso para a análise e a crítica da cultura mediática massiva ocidental contemporânea. Na tarefa crítica, Barthes incorpora também algumas noções da filosofia (alguns pormenores da estética e da ética) de Aristóteles.

**Luís Miguel F. Henriques (IP Portalegre)**

**Retórica nos tratados militares portugueses de Quinhentos**

[[luduvicus.m@gmail.com]

No século XVI, um pouco por toda a *Respublica Christiana*, se difundiram os princípios filosóficos de Maquiavel que podemos sintetizar na súpula de que a política tinha a finalidade de conquistar e manter o poder ou a autoridade. Com base nesse princípio, Maquiavel escreveu *O Príncipe* e os *Discursos sobre a primeira Década de Tito Lívio*. Para além destes tratados de filosofia política, este pensador renascentista redigiu a *Arte da Guerra* dirigida àqueles que, numa época de afirmação de impérios e de nações, tinham por obrigação assegurar a sua soberania, prolongamento de um Príncipe: os militares. Para manter um estado forte era necessário restabelecer as antigas instituições militares, devolver-lhes as passadas virtudes. Por este tratado marcial, perpassa a máxima de que o domínio da Retórica deve ser uma das competências dos chefes militares, condição determinante para o sucesso de uma campanha militar. Citando a História, Maquiavel afirma mesmo que Alexandre Magno era incansável a falar publicamente ao seu exército e assim o deviam ser todos os generais, pois “infinitas vezes ocorrem coisas mediante as quais se arruína um exército quando um general não sabe ou não costuma arengar-lhe”.

Também no século XVI, na linha de Maquiavel, Fernando Oliveira escreveu um inovador tratado militar dirigido particularmente à nação lusa cuja soberania imperial se exercia no mar, a *Arte da Guerra do Mar* (1555). Se as estratégias e o poderio naval bélico são uma necessidade para a manutenção do *imperium* marítimo, porém, não há *imperium* sem homens e sem homens motivados. Para tal, há de o capitão valer-se da Retórica e de todos os argumentos retóricos que constam da longa tradição historiográfico-militar para motivar os soldados para a guerra e conduzi-los à vitória.

Propomo-nos, nesta comunicação, fazer um estudo transversal da presença da Retórica no tratado militar de Fernando Oliveira,



apresentando intertextualidades e alusões com os tratados militares clássicos (Frontino, Onassandro, Vegécio, etc.) e com obras historiográficas da Antiguidade. Faremos ainda, de forma mais breve, análise análoga de outro tratado militar impresso em Portugal em finais do século XVI, escrito pelo italiano *Bartolomé Scaron de Pavia, o tratado de Doctrina Militar (1598). Sobre a necessidade do domínio da oratória pelos capitães, Diogo do Couto, militar e historiógrafo de Quinhentos, na sua Ásia, afirmou que capitão que não sabe falar peleja contra dois exércitos: o seu e o do inimigo.*

### **Manuel Ramos (U. Porto)**

#### **Boécio retor. A retórica filosófica**

[manuel.ramos2@gmail.com]

Boécio († 524) é mais conhecido pela sua *Consolação da Filosofia*, mas as suas duas obras sobre tópica: *Commentaria in topica Ciceronis* (PL 64, cols. 1039-1173) e o *De topicis differentiis* (PL 64, cols. 1173-1216), também conhecido na Idade Média por *Topica Boetii*, são igualmente relevantes. Se o primeiro é um comentário e foi o principal meio divulgador da tópica de Cícero, já o erudito tratado *De differentiis topicis* expõe nos três primeiros livros a tópica dialéctica, sendo o quarto (que chegou a circular autonomamente) uma famosa discussão e síntese da teoria retórica. Com esta comunicação, propomo-nos abordar a discussão retórica contemplada neste IV livro, que é bastante *sui generis* e que, distintamente filosófica, teórica e quase sem exemplos, se afasta do modelo retórica típico dos retores latinos posteriores. Teremos em conta aspetos como: estrutura do livro, fontes, nomenclatura, partes da Retórica, dependência da Retórica em relação à Dialéctica, semelhanças e diferenças entre as duas, fixação na *inventio*, *status causae* e a tópica, tão importante para o retor como para o filósofo.

### **Margarida Miranda (CECH – U. Coimbra)**

#### **Francisco Soares Lusitano e os manuscritos achados na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra**

[mmiranda@fl.uc.pt]

Em 1759, durante o cerco ao Colégio de Jesus, em Coimbra, um padre escondeu cartas e manuscritos. Documentos foram encontrados durante as obras de restauro na Sé Nova, em 2016. É sobre um desses documentos que se debruça a presente comunicação.

### **Maria Luísa Portocarrero (U. Coimbra)**

#### **Retórica e aplicação na Hermenêutica contemporânea**

[mlp600@gmail.com]

Esta comunicação versará sobre a importância da retórica na conceção da hermenêutica como filosofia prática, própria de Gadamer e Ricoeur. Esta vertente fenomenológica da hermenêutica debruça -se sobre o mundo vivido do homem concreto, lidando assim com o contingente e o possível, sem nunca descurar os universais poéticos transmitidos pela semântica narrativa da tradição. É para ela muito importante pensar o problema da aplicação e seus mecanismos dialógicos.

### **Mário Santiago Carvalho (U. Coimbra)**

#### **Da Retórica à Dialéctica (Pedro da Fonseca e Sebastião do Couto)**

[carvalhomario07@gmail.com]

**Rui Miguel Duarte (CEC – U. Lisboa)**

**Hermógenes e a defesa da retórica**

[rmduarte@campus.ul.pt]

É consabido que a história da retórica foi marcada pelas ferozes críticas de Platão, as quais inauguraram um dissídio tradicional entre retórica e filosofia que haveria de perdurar, indelével, pelos séculos. Hermógenes de Tarso, no prólogo do seu tratado *Περὶ σπάσεων*, expõe uma concepção de retórica que procura recuperar para ela a dignidade de *téchne*, merecedora de apreço e dotada de multívocas aplicações e utilidade. A defesa que faz da retórica é oblíqua, evita fazê-lo frontalmente. Assim pensam os seus escoliastas. Fá-lo em não muitas palavras, mas que são densas de uma grande tensão: Hermógenes não apenas procura inserir a retórica no campo das *téchnai*, partindo de uma concepção vulgarizada de *téchne*, como também contesta Platão, embora discretamente. Com efeito, Platão permanecia com uma *auctoritas* com o seu quê de tutelar na filosofia e em toda esta matéria em particular, a despeito, pensam eles, da apreciação injusta e repreensível que da retórica faz. Propomo-nos dar a palavra não só ao texto de Hermógenes como também aos seus escoliastas (Sópatro, Marcelino, Siriano, Anónimo P), a fim de compreender a defesa que aquele faz da retórica e o estatuto que lhe atribui.

**Thiago Henrique Rosales Marques (Unicamp, Brasil)**

**Aspectos da retórica aristotélica no Livro I da *Eneida***

[rosalesmarques@gmail.com]

Nesta comunicação, pretendo considerar aspectos intertextuais derivados da presença da retórica aristotélica na *Eneida* de Virgílio à luz da épica de Homero. De fato, são apontados na literatura vários paralelos entre Aristóteles e Virgílio. No entanto, se, por um lado, não podemos determinar quais das obras de Aristóteles estavam disponíveis à época de Virgílio, por outro, já há um conhecimento retórico na Grécia de Homero. Aristóteles faz uma sistematização desse conhecimento refinando-o. Assim, minha hipótese básica é de

que, ainda que Virgílio não tenha tido acesso ao *corpus aristotelicum*, os paralelos entre ambos se dariam devido a uma mesma base: o texto homérico. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, explicar a consonância entre a estrutura da *Eneida* e a definição aristotélica de épica. Com isso, a fim de ilustrar as noções da retórica aristotélica no livro I da *Eneida*, me centro na ironia virgiliana, expressa em 1.520-33, 1.594-612 e 1.657-76, bem como nos elementos retóricos manifestos em 1.198 – 207, quando Eneias consola seus homens prometendo que Troia ressurgirá. Nesse trecho nota-se que Virgílio delinea as características exigidas de Eneias na jornada para fundação de Roma de forma muito semelhante as de Odisseu em sua volta para casa. Finalmente, considero os efeitos retóricos dos símiles do livro I principalmente o primeiro símile da obra em 1.148-56. Busco, pois, abordar os efeitos intertextuais dessas alusões à obra aristotélica, considerando aspectos do âmbito científico, retórico e ético dos passos em apreço.

**Zulmira Santos (U. Porto)**

**Retórica e Filosofia na *Recreação Filosófica* (1751-1800) de Teodoro de Almeida: a «construção» discursiva da divulgação científica.**

[zulmira.coelho.santos@gmail.com]